



Sociedade das Ciências Antigas

O ENIGMA DE MARTINEZ DE PASQUALLY

POR

RENÉ GUÉNON

A história das organizações iniciáticas é com frequência muito difícil de esclarecer, o qual se compreende facilmente considerando que a natureza mesma da matéria contém demasiados elementos estranhos aos métodos de investigação que dispõem os historiadores comuns. Para comprová-lo não é necessário sequer remontar-se muito atrás no tempo, basta considerá-lo.

Se nos remontarmos ao século XVIII: ali se podem perceber, se bem coexistentes com as manifestações do espírito moderno no que tem de mais profano e anti-tradicional, os que poderiam considerar-se últimos vestígios verdadeiros de diferentes correntes iniciáticas que existiam fazia tempo no mundo ocidental. Neste século aparecem personagens tão enigmáticos como as organizações as quais se vinculavam ou nas que se inspiravam.

Um dos tais personagens é Martinez de Pasqually. A propósito das obras que se publicaram nestes últimos anos sobre ele e sua Ordem dos Eleitos Cohen, de R. Le Forestier e de P. Vulliaud, já tivemos ocasião de destacar como muitos pontos de sua biografia estavam obscuros apesar da nova documentação aportada (1). Gérard Van Rijnberk deu a conhecer recentemente outro livro sobre o tema (2) que contém também documentação interessante e em grande parte inédita. Não obstante, o qual é quase redundante assinalar, planta mais problemas que os que resolve (3).

O autor em primeiro lugar adverte sobre a incertidão que rodeia o mesmo nome de Martinez, e enumera as distintas variantes que se podem encontrar nos escritos onde se o nomeia. É verdade que não ha que atribuir demasiada importância a este feito, já que no s. XVIII não se respeitava com insignificância a ortografia dos nomes próprios. Porém o autor agrega: "no que respeita a quem melhor que nada deveria haver conhecido a exata ortografia do próprio nome ou de seu pseudônimo como chefe de uma iniciação, sempre firmou Don Martinez de Pasqually (uma só vez Pascally de la Tour). No único documento autêntico conhecido, a partida de batismo do filho, seu nome se formula da seguinte maneira: Jacques Delivon Joacin Latour de La Case, don Martinez de Pasqually". Não é exato que esta partida publicada por Papus (4) seja o "único documento autêntico conhecido", posto que outros dois documentos, sem dúvida ignorados por Rijnberk, foram publicados no mesmo periódico (5): a partida de matrimônio de Martinez e o "certificado de catolicidade" estendido no momento de sua viagem a Santo Domingo. A primeira reza: "Jacques Delyvon Joachin Latour de la Case Martinez De Pasqually, filho legítimo do finado Delatour de la Case e da senhora Suzanne Dumas de Rainan" (6). O segundo, simplesmente "Jacques Pasqually de la Tour". Por outra parte, no que diz respeito à assinatura de Martinez, na certidão de matrimônio figura como "Don Martinez De Pasqually", entretanto no certificado está como "Despaqually de la Tour". O feito de que o pai, na certidão de matrimônio, seja chamado simplesmente "Delatour de la Case" (como assim também seu filho na certidão de batismo, se bem uma nota à margem o designa "de Pasqually", sem dúvida alguma com motivo de que era seu nome mais conhecido), parece dar um elemento a favor do que mais adiante escreve Van Rijnberk: "Isto nos induz a pensar que seu verdadeiro nome tenha sido de La Case, ou de Las Cases, e que Martinez de Pasqually tenha sido somente um pseudônimo". Sem dúvida o nome de La Case ou de Las Cases, que pode ser a forma afrancesada do nome espanhol de Las Casas, da lugar a outras questões. Em primeiro lugar tem que destacar que o segundo sucessor de Martinez como "Grão Soberano" da Ordem dos Eleitos Cohen (o primeiro foi Cagnet de Lestére) se chamava Sébastien de Las Casas. Havia talvez algum parentesco entre ambos? A coisa não parece impossível: Sebastien provinha de Santo Domingo, e

Martinez havia viajado a essa ilha a receber uma herança, o que permitiria supor que uma parte de sua família havia se instalado ali (7).

Porém existe algo que é ainda mais estranho: L.C. de Saint-Martin, em seu *Crocodile*, põe em cena um "judeu espanhol" de nome Eleazar, ao qual atribui visivelmente muitas das características de seu ex-mestre Martinez. Agora bem, eis aqui como o dito Eleazar explica as razões pelas quais se havia visto obrigado a abandonar a Espanha e refugiar-se na França: "Em Madrid tinha um amigo cristão que formava parte da família de Las Casas, com a qual tenho, se bem indiretamente, maiores obrigações. Depois de haver logrado certa prosperidade em uma atividade comercial, se viu repentinamente alcançado por uma bancarrota fraudulenta que o deixou na mais completa ruína.

Imediatamente acudi a seu lado, a compartilhar sua desgraça e oferecer-lhe os escassos recursos de que minha medíocre fortuna me permitia dispor. Porém como tais recursos eram insignificantes para sanear os negócios, cedi ante a amizade que a ele me unia e, deixando-me transportar por tal sentimento, e munido de certos meios particulares que me ajudaram muito prontamente a descobrir a fraude de seus exploradores, e inclusive o esconderijo onde se haviam depositado todos aqueles bens que lhe haviam subtraído. Por iguais meios procurei a possibilidade de recuperar todos seus tesouros e a disponibilidade dos mesmos, sem que aqueles que os haviam subtraído suspeitaram sequer que alguém os havia recuperado. Sem dúvida foi um erro utilizar ditos meios para lograr semelhante finalidade, posto que os mesmos não devem aplicar-se mais que à administração de assuntos que nada tem a ver com as riquezas deste mundo. Em consequência, recebi escarmento. Meu amigo, educado em uma fé tímida e receosa, suspeitou que quanto eu havia feito por ele se devia a sortilégios. Seu fervor religioso triunfou sobre seu agradecimento, assim como minha diligência em ajudá-lo havia triunfado sobre o meu dever. Me denunciou assim a sua Igreja simultaneamente como feiticeiro e como judeu. Os inquisidores foram advertidos imediatamente; me condenam à fogueira ainda antes de arrastar-me, mas no mesmo momento em que decidem minha captura, recebo aviso, pelos mesmos meios particulares, da sorte que me espera, e sem demora busco refúgio em vossa pátria (8).

Indubitavelmente *Le Crocodile* contém muito de puramente fabuloso, o que torna muito difícil descobrir alusões a feitos e personagens reais. Sem dúvida, não nos parece provável que o nome de Las Casas se encontre ali por simples azar. Por ele acreditamos ser interessante reproduzir a passagem por inteiro apesar de sua extensão: que relação poderia verdadeiramente haver entre o judeu Eleazar, que tanto se parece a Martinez pelos "poderes" e a doutrina que se lhe atribui, e a família Las Casas, e de que natureza poderiam ser as grandes "obrigações" que devia a esta última? Pelo momento nos contentamos em traçar estas questões sem pretender sequer aportar uma resposta. Veremos se posteriormente se nos apresenta alguma que resulte mais ou menos plausível (9).

Passemos agora a outros pontos da biografia de Martinez que nos deparam igualmente outras surpresas. Van Rijnberk disse que "se ignora completamente o ano e o lugar de seu nascimento", Porém destaca que Willermoz escreve ao barão de Türkheim que Martinez "morreu com uma idade avançada", e agrega "Quando Willermoz escreveu esta frase ele mesmo contava 91 anos; como os homens tem a tendência geral de avaliar a idade dos outros mortais de acordo com uma medida que se incrementa com o correr de seus próprios anos, não deve duvidar-se que a idade avançada que atribui o nonagenário Willermoz a Martinez não pode ser menor dos 70 anos. E como Martinez morreu em 1774, como máximo deve então haver nascido na primeira década do século XVIII". Por lo tanto, se inclina em favor de la hipóteses de Gustave Bord que situa a data de nascimento de Martinez até 1719 ou 1715; sem embargo, pela primeira data o faria falecer aos 64 anos, o que dizendo a verdade não representa de nenhuma maneira uma idade "avançada", especialmente se a compara com a de Willermoz... E ademais, desafortunadamente, um de aqueles documentos que Van Rijnberk parece haver desconhecido constitui um desmentido formal a tal hipótese: o "certificado de catolicidade" foi estendido em 1772 ao "Senhor Jacques Pasqually de Latour, fidalgo, nascido em Grenoble, de 45 anos de idade"; daqui pode deduzir-se que havia nascido até 1727, e, faleceu dois anos mais tarde durante sua estada em Sto. Domingo, em 1774, quer dizer que

alcançou a idade muito pouco "avançada" de 47 anos. Este mesmo documento confirma ademais que, como já muitos o haviam dito, ainda que em contrário da opinião de Van Rijnberk, que recusa admiti-lo, Martínez nasceu em Grenoble.

Por outro lado, o dito não se contrapõe evidentemente a que sua origem seja espanhol, posto que entre todas as origens que se pretendeu conferir-lhe, os indícios em sua maioria o assinalam como o mais provável, incluindo naturalmente o mesmo nome de Las Casas; Porém então havia que admitir que seu pai já se havia instalado na França antes de seu nascimento, e assim a possibilidade de que houvera contraído matrimônio ali. O qual pode ter confirmação pela partida de matrimônio de Martínez, onde a mãe figura como "senhora Suzanne Dumas de Rainau", nome que a nosso critério não pode ser mais francês, enquanto que aquele "Delatour de la Case" pode haver sido espanhol afrancesado. No fundo, a única razão verdadeiramente seria que se pode acrescentar para por em dúvida o fato de que Martínez haja nascido na França (já que não podem considerar-se seriamente as contraditórias afirmações de uns e outros, pela razão de que todas elas não passam de ser simples suposições), a constituem as particularidades da linguagem que se descobrem em seus escritos; Porém este fato, de todas maneiras, pode explicar-se perfeitamente, por um lado a educação que pode receber de seu pai espanhol e, por outro, sendo consequência de suas prováveis estadas em distintos países. Voltaremos sobre este último ponto mais adiante.

Por uma curiosa coincidência, que certamente não contribui a simplificar as coisas, parece comprovado que existiu na mesma época, em Grenoble, uma família que respondia realmente ao nome Pascalis; da qual Martínez deve ter sido absolutamente alheio se nos baseamos nos nomes transcritos na documentação correspondente. Quiçá pertenceu a esta família o obreiro carroceiro Martin Pascalis, chamado também Marina Pascal ou Pascal Marina (tampouco sobre este particular tenha muita seguridade), se é que se trata realmente de outro personagem, e não seja simplesmente o mesmo Martínez quem, em certo momento, se haja visto obrigado a exercer dito ofício para subsistir, já que aparentemente sua situação econômica não chegou nunca a ser demasiado brilhante. Esta questão não foi nunca esclarecida de maneira verdadeiramente satisfatória.

Ademais, muitos pensaram que Martínez era judeu; seguramente não o foi do ponto de vista religioso, posto que está comprovado de maneira irrefutável que era católico; sem embargo é certo que, como disse van Rijnberk, "isto não prova nada desde o ponto de vista da raça".

Efetivamente, podem descobrir-se na vida de Martínez alguns indícios que permitiriam pensar em uma origem judia, Porém que não tem nenhum caráter decisivo, e podem perfeitamente explicar-se mediante afinidades de um tipo totalmente distinto ao da comunhão de raça. Franz von Baader é da opinião de que Martínez havia sido "tanto judeu como cristão"; dita afirmação recorda as relações existentes entre o judeu Eleazar e a família cristã de Las Casas. Por outro lado, o mesmo fato de apresentar a Eleazar como um "judeu espanhol" pode muito bem ser uma alusão, não já à origem pessoal de Martínez, destino ao origem de sua doutrina, na qual efetivamente predominam sem dúvida alguma os elementos judaicos.

De qualquer modo, permanecem na biografia de Martínez certa quantidade de incoerências e contradições, das quais a mais evidente é sem dúvidas, aquela que se refere a sua idade. Sem embargo, e sem percebê-lo, van Rijnberk assinala a possível solução ao sugerir que "Martínez de Pasqually" era um "hierónimo", ou seja, um nome iniciático. Em efeito, este mesmo hierónimo não poderia haver sido utilizado, como sucedeu em outros casos similares? E quem pode dizer se as grandes "obrigações" que tinha o personagem que Saint Martin denominou o "judeu Eleazar" para com a família de Las Casas não se houveram originado no fato de que esta última houvera proporcionado uma espécie de "cobertura" a sua atividade iniciática? Sem dúvida, seria imprudente querer abarcar em maiores detalhes. Sem demora, vejamos se o que pode chegar a saber-se com respeito à origem dos conhecimentos de Martínez nos pode proporcionar algum outro esclarecimento.

A mesma carta de julho de 1821 na qual Willermoz afirma que Martinez faleceu "de idade avançada" inclui outra passagem interessante onde se verifica que a iniciação de Martinez lhe havia sido transmitida por seu próprio pai: "Em seu Ministério havia sucedido ao pai, homem culto, distinto, e mais prudente que o filho, não demasiado rico e residente na Espanha. Este havia feito ingressar seu filho Martinez, ainda jovem, nos guarda valores, onde havia protagonizado uma disputa que desembocou em um duelo, no transcurso do qual matou o seu adversário. Teve que fugir rapidamente. Seu pai lhe consagrou seu sucessor antes de partir. Depois de uma larga ausência, o pai, pressentindo a proximidade de sua morte, o fez regressar urgentemente e lhe impôs as últimas consignações".

Para dizer a verdade, dita história sobre os guarda valores, da que foi impossível lograr confirmação de outras fontes, nos parece mais bem suspeita, sobretudo se, como diz van Rijnberk, ela deveria "implicar que Martinez havia nascido na Espanha", o qual sem demora não é em nada evidente.

Por outro lado, não é este um ponto sobre o qual Willermoz pudera aportar testemunho direto, posto que, a continuação, declara "não haver conhecido ao filho até 1767 em Paris, muito tempo depois da morte do pai"(10). Seja como for desta questão secundária, se mantém a afirmação de que Martinez havia recebido de seu pai não somente a iniciação, senão também a transmissão de certas funções iniciáticas, já que a palavra "ministério" não pode interpretar-se de outro modo.

A respeito assinala van Rijnberck uma carta do maçom Falcke escrita em 1779, onde se lê: "Martinez Pascalis, espanhol, afirma que os conhecimentos secretos que possui são herança de família, família que reside na Espanha e que os possuía à trezentos anos: os havia recebido da Inquisição, a qual haviam prestado serviço seus antepassados". Se trata de algo bastante inverossímil, porque verdadeiramente não se entende que depósito iniciático houvera podido possuir e comunicar a Inquisição. Recordemos sem demora a passagem de Le Crocodile citado antes: Las Casas é quem denuncia a seu amigo judeu Eleazar ante a Inquisição, precisamente por seus conhecimentos secretos. Não se diria acaso que aqui estamos em presença também de algo que tenha sido embaraçado de propósito? (11).

A estas alturas poderíamos perguntar-nos o seguinte: quando Martinez, ou o personagem que Willermoz conheceu sob esse nome a partir de 1767, fala de seu pai, devemos entendê-lo literalmente, ou bem se trata unicamente de seu "pai espiritual", quem quer que haja sido? Muito bem pode falar-se efetivamente de "filiação" iniciática, e é evidente que não forçosamente coincide com a filiação natural. Se poderia inclusive evocar novamente aquela dualidade entre Las Casas e o judeu Eleazar... Sem embargo, não é um caso extremadamente excepcional o fato de uma transmissão iniciática hereditária que implicara assim mesmo o exercício de uma função, Porém devido à carência de dados suficientes é muito difícil decidir se tal foi efetivamente o caso de Martinez. Em suma, poderíamos ver indícios favoráveis em algumas particularidades concernentes à sucessão de Martinez: concedeu a seu filho primogênito, imediatamente ao batismo, a primeira consagração na hierarquia dos Eleitos Cohen, o que pode sugerir que pensara convertê-lo em seu sucessor. Este filho desapareceu durante a Revolução, e Willermoz confessa não haver podido saber que foi dele.

E quanto ao segundo filho, coisa ainda mais singular, se conhece a data de seu nascimento, Porém nunca mais se faz menção dele. Em todo caso, quando em 1774 morreu Martinez, seu filho primogênito seguramente ainda estava com vida, ainda que não foi ele quem o sucedeu como "Grande Soberano", e sim Caignet de Lestère, e quando este a sua vez morreu em 1778, o sucessor foi Sébastien de Las Casas. Em tais condições, que sobra da idéia de uma transmissão hereditária? Não poderia invocar-se neste caso a excessiva juventude de seu filho para desempenhar tal função (tinha apenas seis anos), porque Martinez poderia haver perfeitamente designado a um substituto até sua maioria de idade, o que não nos consta que se haja mencionado jamais. Pelo contrário, e curiosamente, parece verdade que entre Martinez e seus sucessores houvera havido um certo parentesco: em efeito, Martinez faz referência a ele em uma carta de seu "primo Cagnet", que deveria ser, consideradas as variações ortográficas próprias da época, o mesmo que Caignet de

Lestère (12), e, em quanto a Sébastien de Las Casas, já indicamos que o parentesco era sugerido pelo mesmo nome. De todas maneiras, tal transmissão a parentes mais ou menos distantes, desde o momento que havia um herdeiro direto, dificilmente pode assimilar-se a uma "sucessão dinástica" da que fala Rijnberk, e a que inclusive atribui "uma certa importância esotérica" que não nos resulta demasiado clara.

Que Martínez haja sido iniciado por seu pai ou por outro não é o ponto mais essencial, já que não aporta luz sobre a única coisa que no fundo importa verdadeiramente: de que tradição provinha esta iniciação? O que provavelmente poderia aportar algo mais específico e preciso ao tema são as viagens que realizou Martínez antes de começar sua atividade iniciática na França. Desafortunadamente, também sobre este ponto as informações são totalmente imprecisas e duvidosas, e a mesma afirmação de que haveria estado no Oriente não é em si um dado preciso, máximo tendo em conta que freqüentemente nestes casos não se trata senão de viagens lendárias ou mais bem simbólicas.

Sobre o tema, van Rijnberk crê poder confiar em uma passagem do Tratado da Reintegração dos Seres, onde Martínez parece dizer que tenha estado na China, a par que nada parecido pode falar-se de países muito menos distantes. Porém tal viagem, se verdadeiramente teve lugar, é quem sabe o menos interessante desde o ponto de vista que agora consideramos, porque está claro que tanto nos ensinamentos de Martínez como em suas "operações" rituais nada se detecta que revele a menor relação com a tradição extremo oriental. Sem demora, em uma carta de Martínez se encontra a frase: "Meu estado e minha qualidade de homem verdadeiro me mantém sempre na posição que ocupo" (13). Tal expressão, que é especificamente taoísta, e que por outra parte é a única deste tipo que pode encontrar-se em Martínez, parece ser que jamais chamou a atenção de nada. (14).

Seja como for, se Martínez verdadeiramente nasceu até 1727, suas viagens não puderam prolongar-se por muitos anos, ainda sem descontar o tempo de seu suposto passo pelos guardas valores, pois sua atividade iniciática conhecida começa em 1754, e em tal data contava apenas com 27 anos (15). Se admite facilmente que haja estado na Espanha, considerando em especial os laços familiares que o ligavam com esse país, e quem sabe também na Itália. Todo o qual resulta bem aceitável, e pudera ser que se devam a sua estada nestes países algumas peculiaridades mais evidentes de sua linguagem. A parte, sem demora, deste detalhe totalmente exterior, a coisa não nos conduz demasiado longe, porque naqueles tempos, e desde o ponto de vista iniciático, que podia subsistir em tais países?

Certamente, é necessário dirigir a busca em outra direção, e a respeito nos parece que a indicação mais exata provém de uma passagem em uma nota do príncipe Christian de Hesse-Darmstadt que disse assim: "Pasquali assegurava que seus conhecimentos provinham do Oriente, Porém é presumível que os tinha recebido da África", é dizer, o que deve entender-se muito provavelmente, dos judeus sefardíes, que se estabeleceram na África do norte depois da sua expulsão da Espanha (16). Isto pode em efeito explicar muitas coisas: em primeiro lugar, o predomínio dos elementos judaicos na doutrina de Martínez; logo, as relações que parece haver mantido com os judeus, também sefardíes, de Burdeos, assim como grifado anteriormente na apresentação de Eleazar como um "judeu espanhol" que faz Saint-Martin; finalmente, a necessidade que teve, com vistas ao trabalho iniciático que devia desenvolver-se num ambiente não judeu, de "enxertar" por assim dizer a doutrina recebida de tal fonte sobre uma forma iniciática propagada pelo mundo ocidental e que, no século XVIII, ano podia ser mais que a Maçonaria.

O último ponto da lugar ainda a outros assuntos sobre os quais voltaremos mais adiante, Porém diante de tudo devemos destacar que o feito mesmo de que Martínez jamais mencione a origem exata de seus conhecimentos, o que se refira vagamente ao "Oriente", resulta perfeitamente compreensível. Desde o momento que não podia transmitir a iniciação tal qual a havia recebido, não devia revelar sua origem, o que havia sido no mínimo inútil. Parece que em seus livros não fez alusão expressa a seus "predecessores" mais que uma única vez, e isto sem agregar a mínima precisão, e Porém sem afirmar nada mais que a existência de uma transmissão iniciática (17). Em

todo caso, é bem seguro que a forma dessa iniciação não era aquela da Ordem dos Eleitos Cohen, posto que não existia antes de Martínez mesmo, e nós percebemos como a elabora pouco a pouco, desde 1754 até 1774, sem que haja logrado sequer terminar de organizá-la completamente (18).

Pode aqui sugerir-se um tema que alguém poderia objetar, a saber, que se Martínez havia recebido a "missão" de parte de alguma organização iniciática, como pode ser que sua Ordem não haja estado de algum modo totalmente "pré-formada" desde o começo, com seus rituais e graus, e que de fato não haja podido superar jamais o estado de esboço imperfeito, sem incluir nada definitivamente estável? Indubitavelmente, muitos dos sistemas maçônicos de altos graus que viram a luz até a mesma época padeceram similares situações, e inclusive alguns não existiram jamais mais que "nos papeis". Porém se estes representavam simplesmente as concepções particulares de um indivíduo ou de um grupo, não há nele nada de surpreendente, mesmo que no caso da obra de um representante autorizado de uma organização iniciática real pareceria que as coisas deveriam ter desenvolvido de maneira totalmente diferente. Porém este não é mais que considerar as coisas de uma maneira muito superficial: na realidade, deve ter-se em conta pelo contrário que a "missão" de Martínez implicava precisamente um trabalho de "adaptação" tendente à formação da Ordem dos Eleitos Cohen, trabalho que não haviam podido desenvolver seus "predecessores" porque, por uma ou outra razão, não havia chegado ainda o momento, e possivelmente porque nem sequer haviam podido encará-lo, em seguida diremos o motivo.

Martínez não pode concluir com trabalho, Porém ele não prova nada absolutamente em contrário do que se encontrava em seu ponto de partida. Em verdade, pareceria que duas foram as causas que confluíram para que se desse este xeque parcial: por um lado, é possível que uma série de circunstâncias desfavoráveis haja continuamente obstaculizado os propósitos de Martínez, e, por outro, também é possível que ele mesmo haja sido inferior aos requerimentos que apresentava o trabalho, apesar dos "poderes" de ordem psíquica que manifestamente possuía e que deveriam tê-lo facilitado, já seja que os tivera de maneira totalmente natural e espontânea, como as vezes sucede, já seja, mais provavelmente, que os possuía como conseqüência de uma "preparação" recebida especialmente a tal efeito. O mesmo Willermoz reconhece que "suas inconseqüências verbais e suas imprudências lhe valeram reprovações e muitos contratempos" (19). Ao que parece, tais imprudências consistiram especialmente em promessas que não podia cumprir, ao menos imediatamente, e também em aceitar às vezes demasiado facilmente indivíduos que não estavam suficientemente "qualificados". Indubitavelmente, como muitos outros, depois de receber a requerida "preparação", teve que atuar por sua conta e risco. Ao menos, não parece haver cometido nunca erros tais que fizeram que lhe retiraram a "missão", já que seguiu ativamente sua obra até o último momento, e assegurou sua transmissão antes de morrer.

Por outra parte, estamos muito longe de supor que a iniciação recebida por Martínez superara um grau bastante limitado. Em todo caso, não sobrepassava a área dos "pequenos mistérios", nem pensamos tampouco que seus conhecimentos, se bem muito reais, hajam tido verdadeiramente o caráter "transcendente" que ele mesmo parece haver lhes atribuído. Expressamos nossa opinião a respeito em outra ocasião (20), onde assinalamos como rasgos característicos o aspecto de "magia cerimonial" das "operações" rituais, e a importância atribuída a resultados de ordem puramente "fenoménico". Sem demora, isto não é razão suficiente para reduzir a estes últimos, nem com mais razão aos "poderes" de Martínez, à categoria de simples "fenômenos metapsíquicos" tal como hoje em dia os entendemos. Van Rijnberk, que parece ser desta opinião, se ilude demasiado sobre o alcance de tais fenômenos, assim como sobre as teorias psicológicas modernas, no que nos diz respeito nos é totalmente impossível compartilhar.

Devemos ainda agregar uma consideração mais que é particularmente importante, e é o fato mesmo de que sendo a Ordem dos Eleitos Cohen uma forma nova, não lhe permitia constituir por si só e de maneira independente uma iniciação válida e regular. Por tal motivo, não podia recrutar membros mais que entre os que já pertenciam a uma organização iniciática, a qual vinha então a supor-se como um conjunto de graus superiores. E, como já dissemos anteriormente, tal organização, que lhe provia da base indispensável que de outro modo houvera carecido, devia ser, inevitavelmente, a

Maçonaria. Em consequência, uma das condições requeridas para a "preparação" de Martínez, ademais dos ensinamentos recebidos de outras fontes, era a posição de os graus maçônicos. Esta condição deveu-se com segurança faltar a seus "predecessores", e por ele não haviam podido fazer o que ele fez. Efetivamente, como maçom, e não de outra maneira, se apresentou Martínez desde o começo, e foi "no interior" de lojas preexistentes onde, como todo fundador de um sistema de altos graus, empreendeu a tarefa de levantar, com mais ou menos êxito, os "Templos" onde alguns membros dessas mesmas lojas, eleitos como os mais aptos, trabalhariam de acordo ao ritual dos Eleitos Cohen. Ao menos sobre este ponto não pode haver equívocos: se Martínez recebeu uma "missão", ela foi a de fundar um rito ou um "regime" maçônico de altos graus, onde poder introduzir, revestindo-as de forma apropriada, os ensinamentos às que havia ascendido em outra fonte iniciática.

Quando se examina a atividade iniciática de Martínez, nunca deve perder-se de vista o que acabamos de dizer, o seja, sua vinculação dupla à Maçonaria e a outra organização muito mais misteriosa, sendo a primeira indispensável para que pudera desempenhar o papel que lhe assinalava a segunda. Ademais, sua mesma filiação maçônica encerra algo enigmático acerca do qual no há nada preciso (o que por outra parte não resulta excepcional numa época em que a variedade de ritos e "regímenes" era incrivelmente vasta), Porém a situação é anterior a 1754, posto que desde essa data se mostra não só como maçom, e sim também como revestido de altos graus "escoceses" (21). Isto foi o que lhe permitiu empreender a constituição de seus "Templos", com mais ou menos êxito em cada caso, "no interior" das lojas de várias cidades do Meio-dia francês, até o momento em que, em 1761, se estabeleceu definitivamente em Bordéus. Não pensamos que seja necessário recordar aqui todas as vicissitudes conhecidas pelas quais passou; recordaremos somente que a Ordem dos Eleitos Cohen estava muito longe então de haver logrado sua conformação definitiva, posto que de feito nem a lista dos graus, nem com mais razão seus rituais, nunca chegaram a ser estabelecidos definitivamente.

O outro aspecto da questão, segundo nossa ótica, é o mais importante. É essencial antes de tudo destacar que o mesmo Martínez nunca teve a pretensão de ser o chefe supremo de uma hierarquia iniciática. Seu título de "Grão Soberano" não é objeção válida, já que a palavra "Soberano" aparece também nos títulos de diversos graus e funções maçônicas, sem que na realidade isto implique de nenhuma maneira que quem o leve este isento de toda subordinação. Entre os mesmos Eleitos Cohen, os "Réaux-Croix" também se qualificavam como "Soberanos", e Martínez era "Grão Soberano" o "Soberano dos Soberanos" porque sua jurisdição se estendia sobre todos os demais. Por outra parte, a melhor prova do que acabamos de dizer se encontra nesta passagem de uma carta de Martínez a Willermoz, fechada em 12 de setembro de 1768: "A abertura das circunferências que realizei em 12 de setembro passado foi ao somente efeito de abrir a operação dos equinócios prescritos, para não faltar a minha obrigação espiritual e temporal. Ficam abertos até os solstícios, e controlados por mim, a fim de estar preparado a operar e rezar em favor da saúde e tranqüilidade de ânimo e espírito desse chefe principal que desconhecido a vós como a todos vossos irmãos Réaux-Croix, e que eu devo calar até que ele mesmo se faça conhecer. Não temo nenhum acontecimento negativo, nem para mim em particular, nem para a Ordem em geral, pelo muito que a Ordem perderia se tivera que perder tal chefe. Não posso falar sobre este tema senão alegoricamente" (22). Logo Martínez, segundo suas próprias declarações, não era de nenhum modo o "chefe principal" da Ordem dos Eleitos Cohen; Porém como vemos a Martínez constituir pessoalmente e sob nossos olhos à Ordem, dito chefe não poderia ser mais que ele ou os chefes da organização inspiradora da nova formação. E acaso o temor de Martínez não seria o de que se desaparecer esse personagem se interromperiam prematuramente certas comunicações? Por outra parte, é muito evidente que a forma em que é apresentado só pode aplicar-se a um homem vivo, e não a uma entidade mais ou menos fantasmagórica. O que dissemos não é nada supérfluo, conhecendo a maneira em que os ocultistas tem difundido tantas outras idéias extravagantes parecidas com esta. Quiçá poderia ainda dizer-se que se tratava somente do chefe oculto de alguma organização maçônica (23); Porém esta hipótese se descarta por outro documento que aporta Van Rijnberk, que é um resumo feito pelo barão de Türkheim de uma carta que lhe enviara Willermoz em 25 de março de 1822, que começa

assim: "No que se refere a Pascual, este sempre havia dito, em sua qualidade de Soberano Réaux constituído como tal para sua região, que compreendia toda Europa, que ele podia estabelecer e sustentar sucessivamente doze Réaux, que haviam estado sob sua dependência e que ele chamava seus Êmulos" (24).

Do que se depreende que Martinez devia seus "poderes", por outra parte cuidadosamente delimitados, a uma organização existente fora de Europa, caso que não era o da Maçonaria nessa época (25), porque se houvera estado localizada na mesma Europa, a "delegação" conférida a Martinez não houvera podido implicar uma verdadeira "soberania".

Pelo contrário, se é exato o que dissemos da origem sefardí da iniciação de Martinez, tal sede poderia perfeitamente abicar-se na África do Norte, na realidade esta é a hipótese mais verossímil. Porém, em tal caso, é claro que não poderia tratar-se de uma organização maçônica, e que não é por esse lado onde deve buscar-se a "potência" que havia revestido a Martinez como "Soberano Réaux" para uma região que coincidia com a área de influência da Maçonaria em seu conjunto, o que justificava, por outra parte, a fundação realizada por ele, sob a especial forma de um "regime" de altos graus, da Ordem dos Eleitos Cohen (26).

Não pode negar-se que o fim desta Ordem seja menos obscuro que seus começos. Os dois sucessores de Martinez no exerceram por muito tempo a função de "Grão Soberano", pois o primeiro, Cagnet de Lestère, morreu em 1778, quatro anos depois que Martinez, e o segundo, Sébastien de Las Casas, se retirou dois anos depois, em 1780. Que subsistiu depois como organização regularmente constituída?

Parece ser que, efetivamente, não se conservou demasiado, e que em alguns "Templos" se mantiveram até um pouco mais além de 1780, sem tardar em cessar toda atividade. E quanto a designação de outro "Grão Soberano" depois da saída de Sébastien de Las Casas, não se o menciona em nenhuma parte.

Sem demora, existe uma carta de Bacon de La Chevalerie, de 26 de janeiro de 1807, que fala do "silêncio absoluto dos Eleitos Cohen, que atuam sempre com a maior reserva executando ordens supremas do Soberano Mestre, o G.: Z.: W.: J.": . Porém, o que pode deduzir-se de tão bizarra como enigmática expressão, e possivelmente nada mais que fabulosa? Em todo caso, na carta de 1822 recentemente citada, Willermoz declara que de todos os Réaux que havia conhecido pessoalmente, nenhum estava vivo, de maneira que lhe era impossível indicar algum depois daquele. E se já não restavam mais "Réaux-Croix", tampouco era possível nenhuma transmissão para perpetuar a Ordem dos Eleitos Cohen.

Fora da "supervivência direta", segundo expressão de Van Rijnberk, este considera todavia a possibilidade de uma "supervivência indireta", consistente no que denomina as duas "metamorfozes willermosista e martinista", Porém é um erro que tem que dissipar. O Régime Escocês Retificado não é de maneira alguma uma metamorfose dos Eleitos Cohen, e sim na realidade uma derivação da Estrita Observância, o que é completamente diferente. E se é verdade que Willermoz, pelo papel preponderante que julgou na elaboração dos rituais de seus graus superiores, e particularmente naquele do "Cavaleiro Benfêitor da Cidade Santa", pude introduzir algumas das idéias que havia tomado da organização de Martinez, não o é menos que os Eleitos Cohen, em sua grande maioria, o reprovaram asperamente o interesse que tinha pelo outro rito, o que a seus olhos representava quase uma traição, assim como reprovavam a Saint-Martin uma troca de atitude de outro tipo.

A respeito do caso de Saint-Martin, nos demoraremos um pouco, ainda que não seja mais que pelo fato de tudo o que se pretende derivar dele em nossa época. A verdade é que se Saint-Martin abandonou todos os ritos maçônicos que havia praticado, inclusive o dos Eleitos Cohen, foi para adotar uma atitude exclusivamente mística e, portanto, incompatível com a perspectiva iniciática e que, em conseqüência, não foi sem dúvida para fundar a sua vez uma nova ordem. Em efeito, o nome de "Martinismo", de aplicação exclusiva no mundo profano, não se aplicava senão às doutrinas particulares de Saint-Martin, e de seus adeptos, já em relação direta com ele ou não. O

mais significativo é que o mesmo Saint-Martin chegou a denominar "Martinistas", não sem um tom irônico, aos simples leitores de suas obras. Em que pese, pareceria que alguns de seus discípulos haviam recebido individualmente certo "depósito" de sua parte, que por outro lado, para dizer a verdade, estava constituído somente por "duas letras e alguns pontos", e tal é a transmissão que se havia verificado nos começos do "Martinismo" moderno. Porém, e ainda se a coisa fora real, como uma transmissão deste tipo, eféuada à margem de todo rito, pode representar uma iniciação qualquer? As duas letras em questão são as iniciais S.I., as que, qualquer seja a interpretação que se lhes dê (e as interpretações são muitas), parecem haver exercido uma verdadeira fascinação sobre alguns; Porém, no caso que nos ocupa, de onde poderiam provir? Com toda segurança, não se trata de uma reminiscência dos "Superiores Desconhecidos" (27) da Estrita Observância. Ademais, não é necessário ir buscar tão longe quando alguns Eleitos Cohen usavam estas iniciais em sua própria assinatura. Van Rijnberk formula à respeito uma hipótese muito plausível, segundo a qual haviam sido o signo distintivo do "Soberano Tribunal" encarregado da administração da Ordem (e da qual formavam parte o mesmo Saint-Martin e também Willermoz), pelo que no havia significado um grau e sim uma função.

Sem demora, nestas condições, poderia parecer estranho que Saint-Martin haja eleito tais iniciais em vez de, por exemplo, R.C., a menos que não houveram contido por si algum significado simbólico próprio, de onde em definitiva derivariam seus diferentes usos. Como quer que seja, é um fato curioso, que demonstra que efétivamente Saint-Martin lhes atribuía uma certa importância, e é que em seu Crocodile formou com essas iniciais a denominação de uma imaginária "Sociedade dos Independentes", que por outro lado não é verdadeiramente uma sociedade nem tampouco uma organização qualquer, e sim uma espécie de comunidade mística presidida por Madame Jof, quer dizer, pela Fé personificada (28).

Outra coisa muito estranha é que até o final da história, um judeu, Eleazar, fora admitido nesta "Sociedade dos Independentes". Sem dúvida pode ver-se ali uma alusão, não a algo que se refira pessoalmente a Martínez, e sim mais adequada à passagem de Saint-Martin da doutrina dos Eleitos Cohen a esse misticismo nele que havia de encerrar-se durante a última parte de sua vida.

Comunicando a seus discípulos más próximos as iniciais de S.I. como uma espécie de sinal de reconhecimento, não queria dizer de alguma maneira que eles podiam considerar-se membros do que ele houvera querido representar como a "Sociedade dos Independentes?" Estas últimas observações farão compreender seguramente por que estamos muito longe de compartilhar as opiniões demasiado "otimistas" de Van Rijnberk quando, perguntando-se se a Ordem dos Eleitos Cohen "pertence completa e exclusivamente ao passado" se inclina pela negativa, ainda reconhecendo a ausência de toda filiação direta, que é o único que deve considerar-se no domínio iniciático. O Régime Escocês Retificado segue de todas maneiras existindo apesar do que estamos dizendo. E quanto ao "Martinismo" moderno, podemos assegurar que tem muito pouco que ver com Saint-Martin, e absolutamente nada com Martínez e os Eleitos Cohen.

NOTAS:

- (1). Ver Cap. VI.
- (2). "Un thaumaturge au XVII siècle: Martínez de Pasqually, sa vie, son oeuvre, son Ordre, (Félix Alcan, Paris)
- (3). Assinalemos de passagem um pequeno erro: Van Rijnberk, ao falar de seus predecessores, atribui a René Philipon os apontamentos históricos firmados "Um Cavaleiro da Rosa Florescente" incluídos como prefácio nas edições de "Enseignements secrets de Martínez de Pasqually" de Franz von Baader, publicado na "Biblioteca Rosacruz". Assombrados por tal afirmação, submetemos ao próprio Philipon o assunto, e nos contestou que unicamente havia traduzido o opúsculo de von Baader, e que, como pensávamos, as duas notas pertencem a Albéric Thomas.
- (4). Martínez de Pasqually, pag. 10-11

(5). "Le mariage de Martínez de Pasqually" (le Voile d'Isis, enero 1930)

(6). Se notará que aqui se escreve Delyoron quando no certificado de batismo figura Delivon (ou poderia ser Delivron). Este nome, intercalado entre dois nomes próprios não parece ser um verdadeiro apelido. Por outro lado, apenas vale recordar que a separação das partículas (que não constituíam obrigatoriamente um sinal de nobreza) era em tal época absolutamente discrecional.

(7). Também é verdade que em Sto. Domingo havia parentes de sua mulher, de maneira que poderia ser que a herança provinha dessa partida. Sem demora a carta publicada por Papus, sem chegar a ser totalmente clara, está mais bem a favor da hipótese, já que de nenhuma maneira resulta que seus dois cunhados, residentes em Sto. Domingo, tiveram algum interesse pela "doação" que lhes havia sido feita.

(8). Le Crocodile, canto 23.

(9). Vejamos outra singular aproximação: Saint-Martin representa Las Casas, o amigo do judeu Eleazar, como havendo sido despojado de seus tesouros. Martínez, na carta que mencionamos, disse: "É esse país (é dizer, Sto. Domingo) me foi efétuada uma doação de um bem importante que devo resgatar das mãos de um homem que o possui injustamente"; e da casualidade que esta carta foi escrita sob o ditado de Martínez, pelo próprio Saint-Martin.

(10). Este ano 1767, é o mesmo ano do casamento de Martínez, portanto é bastante provável que os dois irmãos domiciliados em Santo Domingo, por quem ele havia chegado a París para solicitar a cruz de San Luis, não sejam em realidade mais que os dois cunhados "potentemente ricos" de que se trata, como já dissemos, na carta de 17 e 30 de abril de 1772, citada por Papus (Martínez de Pasqually, pág. 58). Ademais, isto tem ainda outra confirmação no fato de que, em outra carta de 1º de novembro de 1771, se le esta frase: "Os comunico que finalmente obtive a cruz de San Luis para meu cunhado" (Ibid. , pág. 55). Ele não a havia então obtido, ao menos para um deles, imediatamente em 1767, contrariamente ao que escreve Willermoz, cuja memória pode trai-lo sobre este ponto. É surpreendente que a Van Rijnberk não haja ocorrido efétuar estas aproximações que nos parecem esclarecer suficientemente a questão, por outro lado absolutamente secundária.

(11). Sublinhamos outra particularidade, da qual no pretendemos sem demora extrair conseqüência alguma: Falcke fala em tempo presente de Martínez, que devia já haver falecido há cinco anos.

(12). "Os informo ademais que liberei patentes constitutivas a meu primo Cagnet". Carta de 1º de novembro de 1771, citada por Papus, Martínez de Pasqually, pág. 56.

(13). Extrato publicado por Papus, Martínez de Pasqually, pág. 124

(14). Por outro lado, não cremos que, quando Martínez fala de China, deva isto tomar-se sempre ao pé da letra, porque, tal como assinalou Le Forestier, Martínez emprega a palavra "chino" como uma espécie de anagrama de "Noaquita".

(15). Isto, entenda-se bem, com a reserva própria de que as viagens em questão, em lugar de atribuir-se inteiramente a este personagem, quem sabe deverão ser de seu iniciador.

(16). Os trezentos anos de que fala Falcke coincidem aproximadamente com a época da expulsão dos judeus da Espanha, De todos modos, não queremos dizer que haja que atribuir maior importância a este particular.

(17). "Nunca intentei induzir ninguém ao erro, nem tampouco enganar a pessoas que de boa fé se acercaram a mim para assimilar os conhecimentos que me transmitiram meus predecessores". Citado por Papus, Martínez de Pasqually, pág. 122)

(18). Quando Willermoz disse que "havia sucedido ao pai em seu ministério", não deve interpretar-se, como o faz demasiado apressadamente von Rijnberk, "como Mestre Soberano da Ordem", Ordem da qual esse então nem sequer se havia ouvido falar.

(19). Carta já citada dirigida ao barão de Türkheim, em julho de 1821.

(20). "Un nouveau livre sur l'Ordre des Elus Cohen", número de dezembro de 1929.

(21). De todas maneiras, devemos maniféstar nossas reservas sobre o caráter maçônico atribuído ao "Cavaleiro da Rosa Florescente" e seu título de "Escudeiro": se bem é certo que se tratava do nome de um grau escocês (grau que se conservou até nossos dias no Regime Retificado), no caso de Martinez, sua menção nos documentos oficiais profanos parecia mais indicar que se tratava simplesmente de um título nobiliário. Sem demora, também é verdade que uma coisa não exclui a outra.

(22). Citação de P.Vulliaud, Les Rose-Croix lyonnais au XVIII siècle, pág. 72. Verdadeiramente não sabemos por quê, a este propósito, fala Vulliaud de "Superiores Desconhecidos", até chegar a afirmar que Martinez se refére a eles na carta, quando a mesma não contém a menor alusão a uma denominação desse tipo. Por outro lado, quando Martinez se expressa "alegoricamente" é muito provável que queira dizer "enigmaticamente", já que em tudo o que disse não haja vestígio algum de "alegoria".

(23). Se assim fosse, se identificaria quiçá, para alguns, com o pretendente ao trono de Carlos Eduardo Estuardo, a quem se atribuiu bem ou mal um papel similar. Se aludimos a eles é porque a coisa poderia assumir algum lampejo de verossimilitude pelo fato de que o "Cavaleiro da Rosa Florescente" fala dos "sinais de estima de reconhecimento que o pretendente Estuardo parecia testemunhar a Martinez" na época quando se apresentou diante das lojas de Toulouse, é dizer, em 1760, oito anos antes da carta que citamos. Porém o que segue demonstrará que deve tratar-se realmente de outra coisa.

(24). Se trata dos também chamados "Soberanos", como já dissemos. Note-se o número de doze que reaparece constantemente quando se trata da constituição de centros iniciáticos, qualquer que seja a forma tradicional a que pertençam.

(25). Es inútil reférir-se aqui a América que, por esse então, desde o ponto de vista maçônico, não era senão uma simples "dependência" da Europa.

(26). As palavras de Willermoz parecem indicar que a região posta sob a autoridade de Martinez no se reduziria exclusivamente à Europa. Em eféito, a mesma deveria abarcar também América, como demonstra a importância que posteriormente assumiu Santo Domingo na história de sua vida e da Ordem. O que confirma ainda mais o fato de que o campo de ação que se lhe havia atribuído coincidia com o grupo de países nos quais existia a Maçonaria, e onde esta constituía a única organização iniciática subsistente por esse então que pudera proporcionar uma base para ele

trabalho que se lhe havia encomendado.

(27). "Superieurs Inconnus" no texto (N.do T.)

(28). Por sua parte, também Willermoz usou das mesmas iniciais para denominar como "Sociedade dos Iniciados" ao grupo, esta vez muito real, que fundou para o estudo de certos fenômenos.

Publicado originalmente em "Études Traditionelles", maio-julho de 1936.